

Considerações sobre a abordagem comunicativa no ensino de Língua

Maria Alice Venturi¹

Resumo: Este artigo procura enfatizar a comunicação como um conjunto de competências que o estudante adquire progressivamente durante sua formação. Mostra também que o mais importante não é saber sobre o sistema lingüístico, mas o que se pode fazer com a linguagem do mundo real.

Nessa perspectiva, parte-se da interação como fator primordial para que a aprendizagem aconteça, partindo-se também da consideração de que o aluno é visto como ser social, representante de um ambiente socialmente específico, e que, por sua vez, vai se firmando como verdadeiro sujeito da linguagem.

Palavras-chave: Abordagem comunicativa – Competência lingüística – Interação em L2

Abstract: This paper try to point out the communication as a competence whole that the student to acquire progressively during his formation. We show also that the most important is not to know about the linguistic sistem but knows what to do whit the language of the real world.

In this way, the interation is a primordial factor to the apprenticeship, and the fact that the student is a social being, that represents a specific socialculture environment and that, by his time, the student is going to fix himself as a real subject of the language.

Key-words: Communicative Approach - Linguistic Competence - Interaction

Pesquisas em Análise do Discurso tiveram uma grande influência nos manuais e nas práticas de sala de aula de língua estrangeira, principalmente no que diz respeito à avaliação de documentos autênticos como material de apoio didático. Assim, antes de tratarmos dos aspectos propostos, faremos uma breve definição deste material que se mostra cada vez mais importante para o ensino comunicativo, nos seus aspectos lingüísticos, interativos e discursivos.

Um documento autêntico, então, caracteriza-se como sendo uma amostra, escrita ou oral, retirada de comunicações realizadas realmente entre nativos. O documento autêntico oral é apresentado com ruídos que normalmente interferem no enunciado (conversas de fundo, vozes distorcidas ao telefone, sotaques etc.). O documento autêntico escrito não deve apenas restringir-se a livros, mas abranger todas as formas de impressos: revistas, jornais (notícias, fotos com legendas, propagandas, anúncios classificados...), cartas formulários, contas, catálogos, rótulos, cardápios, cartazes, instruções, mapas, programas, bilhetes, contratos, cartões, listas telefônicas,

¹ Doutora em Lingüística pela FFLCH/USP.

tudo, enfim, ao que o falante nativo está exposto diariamente. O uso de textos simplificados é evitado porque prejudica a autenticidade do material.

Apesar da grande vantagem de serem motivadores, há inconvenientes reais, com relação aos documentos autênticos: eles são difíceis de organizar em uma progressão (sabendo que existe sempre progressão implícita, uma vez que se começa por algo) e, de qualquer maneira, requer um certo saber-fazer do professor. Em um material didático que apresenta documentos autênticos, há uma seleção de textos, e a intenção da parte do autor do material de propor a interpretação de algo. O documento deve ser interpretável, portador de sentido. Este assunto também é tratado no capítulo 'Repensando a elaboração do manual de italiano L2 numa perspectiva comunicativa'

Aspectos lingüísticos

Uma das ambições da abordagem comunicativa é ensinar uma competência de comunicação em língua estrangeira com todos os seus componentes. A comunicação é um fenômeno que deve ser considerado em seu conjunto e não sob o aspecto estritamente lingüístico. Ao lado de uma competência gramatical existe uma competência de uso que permite julgar a adequação dos enunciados à situação (Hymes, 1972).

Para haver comunicação, não basta conhecer a língua, o sistema lingüístico, é preciso igualmente saber servir-se dessa em cada diferente contexto social.

A competência de comunicação constitui um conjunto de competências, que são: competência gramatical, competência sociolingüística (competência sociocultural – conhecimento das regras sociais de determinado grupo; e competência discursiva – domínio de diferentes formas de discurso); e competência estratégica - o conjunto das estratégias de comunicação que possibilitam compensar as falhas da comunicação são fenômenos de compensação, podendo-se exercer ou na competência lingüística ou na competência sociolingüística.

A aquisição de uma competência de comunicação é importante para a compreensão do discurso do outro, de suas intenções, de seu comportamento social e para o controle de suas próprias ações discursivas e de seu próprio comportamento social no momento de sua interação com os outros.

Um programa de ensino de língua estrangeira deve, portanto, levar em conta os diferentes componentes de competência de comunicação:

- a competência lingüística – excluir totalmente esse componente é irrealismo, uma vez que o estudante que não possui uma competência lingüística mínima terá problemas para se comunicar; supervalorizar a importância da competência lingüística significa igualmente no ‘irrealismo’ dos métodos audiovisuais.
- a competência sociolingüística – integrar essa dimensão em um programa de língua e sensibilizar o estudante para as regras sociais de utilização de língua estrangeira é dar-lhe possibilidade de utilizar enunciados adequados a determinada situação. O desconhecimento de um certo número de regras sociais obriga o estudante a reutilizar aquelas regras que funcionam em sua própria comunidade e que, quase sempre, não correspondem às que são realmente empregadas em outra cultura.
- a competência discursiva – a sensibilização do estudante para os diferentes tipos de discursos e as diferenças dos códigos escrito e oral.
- a competência referencial – o desconhecimento de elementos referenciais faz com que uma parte do sentido de determinada comunicação acabe escapando. Assim, a leitura de um jornal em uma língua que dominamos não é evidente quando não há conhecimento de um mínimo de informações para a compreender.
- a competência estratégica: esse componente, parece desempenhar um papel diferente dos outros componentes: compensa as falhas de competência lingüística e da competência sociolingüística

Comunicar é, pois, utilizar um complexo conjunto de conhecimentos, de saber-fazer e de atitudes (saber – saber-fazer – saber ser) que o estudante adquire progressivamente durante sua formação e que são fortemente dependentes de sua língua e de sua cultura de origem. O importante agora não é mais o que os estudantes sabem

sobre o sistema lingüístico, mas o que eles podem fazer com essa linguagem do mundo real.

Aspectos interativos

Partindo da idéia de que a interação é fator primordial para que a aprendizagem aconteça, configura-se nela a qualidade da prática lingüística oferecida ao aluno para o aprimoramento de suas condições de aprendizagem.

Nessa perspectiva, propiciar o processo interativo em sala de aula significa seguir as concepções de Bakhtin e Vygotsky sobre a construção do sentido, formação dos conceitos e da própria aquisição da linguagem.

Como já vimos em capítulo precedente, a apresentação do léxico ou estruturas da língua feita de forma significativa, buscando a negociação do significado ou a troca de informações, facilita a aquisição. Constatamos também que quando há um efetivo desejo ou necessidade dos participantes da interação de entenderem um ao outro, há maior aquisição.

Análises de atividades desenvolvidas em sala de aula (Pica,1987; Schulz,1991) indicam que as tarefas que exigem resolução de problemas possibilitam maior interação entre os participantes na medida em que propiciam maior número de oportunidades reais de comunicação. Tais estudos também mostram que, ao se engajarem em uma interação social significativa, os aprendizes descobrem as regras lingüísticas e sociolingüísticas necessárias para a compreensão e produção em L2: “toda palavra serve de expressão a um em relação ao outro...através da palavra, defino-me em relação ao outro, isto é, em última análise, em relação à coletividade.”(Bakhtin,1979)

Portanto, o que se aprende na interação é a maneira de se conduzir na comunidade, numa percepção cultural do mundo, passando a aquisição de L2 pelo desenvolvimento do saber-fazer comunicativos e de sistemas de interpretação adaptados à cultura estrangeira.

Pensando, então, numa importante tarefa em pesquisas sobre aquisição de linguagem: a de analisar a produção oral, numa situação interativa, destacamos, seguindo Koch (2000) algumas características próprias da interação face a face:

1. é relativamente não planejável de antemão, o que decorre, justamente de sua natureza altamente interacional; assim, ela é localmente planejada, isto é, planejada ou replanejada a cada novo “lance” do jogo.
2. o texto falado apresenta-se “em se fazendo”, isto é, em sua própria gênese, tendendo, pois, a “pôr a nu” o próprio processo de sua construção.
3. o fluxo discursivo apresenta descontinuidades freqüentes, devidas a uma série de fatores de ordem cognitivo/interativa e que têm, portanto, características pragmáticas.
4. o texto falado apresenta, assim, uma sintaxe característica, sem deixar de ter, como fundo, a sintaxe geral da língua.

Sob outro aspecto interativo, é necessário mencionar aqui as trocas interativas aluno-aluno. Como observado em trabalho anterior (Venturi, 1997) há um importante momento de intersecção entre os estudos bakhtinianos e krashianos, em que a interação proporcionada entre dois alunos facilita a aquisição de input na medida que cada participante fornece (+1) compreensível e suficiente ao outro, além de ser um input relevante pelo fato de ser necessário àquele ato de comunicação.

A própria produção do aluno locutor, ao fazer-se entender, ao usar termos e estruturas conhecidas por ambos, serve de input ao interlocutor, ou seja, um aluno fornece input ao outro. Esta idéia é reforçada pelo fato de que todo aluno, pelo modelo apresentado pelo professor, pode adquirir (+1) diferente do outro, e, na produção/utilização oral destes modelos nas atividades propostas em duplas, os (+1) podem ser intercambiados. Assim, revezando também as posições de “ajudantes” e corretores dos colegas, utilizam seus monitores também para a seleção de (+1) correto a ser adquirido.

Por outro lado, o fato de ser possível aos alunos durante sua produção oral, num processo de interação, vivenciar a igualdade de papéis e opinar livremente sobre o tema proposto torna-se um grande facilitador da aquisição da fluência, também por possibilitar um filtro afetivo praticamente nulo, “observado na própria descontração, fluência e criação de sub-tópicos nos textos dos alunos que foram analisados, os quais mostram interesse e motivação” (Venturi, 1997).

Como continuidade a este breve estudo sobre os aspectos interativos em sala de aula, não podemos deixar de mencionar as interações verbais interculturais propiciadas, principalmente, pelo professor atualizado, que agora pode utilizar-se de modernos instrumentos de comunicação para manter contato com a realidade italiana, atentando, assim, às mudanças de âmbito lingüístico e cultural.

Desta forma, numa abordagem comunicativa de ensino, o professor adquire essa função de mediador entre a língua que ensina e seus alunos que devem adquirir o uso e o relativo conteúdo cultural. Ele se lembrará sempre que a língua, como veículo de cultura, no sentido amplo do termo, não pode perder de vista os diversos aspectos dos quais ela é expressão.

Brown (1990) argumenta a favor da necessidade de se ensinar aspectos culturais para os alunos, pois afirma que uma das grandes dificuldades que eles têm de entender o discurso na língua estrangeira deve-se ao fato de não terem o conhecimento dos valores culturais que são compartilhados pelos falantes de uma comunidade (este argumento será retomado mais adiante: o componente cultural). Os alunos, por sua vez, devem procurar adquirir o máximo possível de informações sobre a sociedade e a cultura da língua que estão aprendendo.

Assim, como também veremos quando tratarmos do componente cultural, percebemos que a escolha dos textos a serem trabalhados em classe e a atenção especial dada pelo professor aos aspectos culturais pertinentes aos textos, e a outros materiais didáticos de apoio (vídeo, gravador, internet, etc), juntamente à possibilidade de interação dos alunos ao confrontarem a sua cultura e àquela que se está aprendendo, figuram como procedimentos indispensáveis ao processo de ensino em L2.

Almeida Filho (1993) ressalta a importância da escolha de textos, diálogos e exercícios que sejam “relevantes para a prática da língua que o aluno reconhece como experiência válida de formação e crescimento intelectual”. Nessa visão, o aluno deve ser considerado como representante de um ambiente sociocultural específico, visto como um ser social.

Portanto, a interação na proposta comunicativa de ensino deve incorporar o pensar crítico do aluno, trabalhando com textos que sejam críticos, no sentido de serem importantes e constitutivos para uma sociedade. Tais textos, também devem ser controversos para que provoquem diversas reações e façam com que os alunos se sintam

levados a discutir as diferentes opiniões sobre, por exemplo, assuntos pertinentes à sua vida, seus objetivos e seus valores.

Os alunos, desta maneira, adquirem facilidade em falar na língua alvo se a sua atenção estiver voltada para interagir mais autenticamente, isto é, discutindo assuntos interessantes tanto para o falante como para o ouvinte (professor-aluno, aluno-aluno), em uma situação importante para ambos.

Aspectos discursivos

Parece-nos importante na continuidade da visão interacionista abordada, discutir um pouco o processo de inscrição do sujeito na enunciação, para que seja notada a construção da imagem que o aluno faz de si, na produção da linguagem.

Para Serrani-Infante (1997) “a relação dialógica é uma relação em si, ao mesmo tempo em que é uma relação com os dizeres do outro e com seus próprios dizeres”. Também segundo a autora, a troca feita de práticas de linguagem implica em um trabalho interpretativo e, ao mesmo tempo, de defesa e reconstrução da imagem de si. Focaliza-se aqui o funcionamento de fatores não cognitivos que, a rigor, situam-se antes do processo de aquisição de uma língua estrangeira.

Como ainda veremos, a língua materna já constitutiva do sujeito falante é evocada no início da aprendizagem de uma L2. Nessa concepção, são pertinentes as afirmações de Revuz (1991), as quais esclarecem que durante o desenvolvimento de uma língua estrangeira, são solicitadas as bases da estruturação psíquica e, portanto, os indícios da primeira língua.

Apoiando-se, então, na noção de formação discursiva, podemos observar a relação da aprendizagem de língua estrangeira com a relação inconsciente que mantemos com a língua fundadora: “os modos diferentes de construir as significações em línguas distintas.” “O que se pode explicar melhor é a preponderância de tal ou qual modo de construção do sentido, em relação a condições de produção discursiva determinadas.” (Serrani-Infante, 1997).

Pelos princípios da Análise do Discurso pode-se, por exemplo, discutir o encontro de um sujeito com a segunda língua, ou seja, a inscrição do sujeito de enunciação em discursividade com a língua alvo: a relação do sujeito com o saber, e a relação do sujeito com ele próprio.

Nesta breve discussão, podemos ressaltar também que a questão dos “insucessos” no ensino-aprendizagem de L2 relacionados ao desafio de lidar com o estranhamento e as novas possibilidades de significância.

Ainda seguindo as propostas de Revuz (1991), “as estratégias do aprendiz representam, no nível imaginário do intradiscorso, o jogo de identificações simbólicas determinantes do sujeito”. Algumas das estratégias serão: imitar imediatamente, mas guardando quase nada; repetir frases estereotipadas; dar um jeito em domínios, tais como o vocabulário técnico, mas sem se autorizar autonomia alguma na compreensão ou na expressão...e tendo como condição para compreender um enunciado em língua estrangeira, que ele seja traduzido à língua materna e, para traduzir, partir da tradução de um enunciado formulado antes em primeira língua (Revuz,1991:31, apud Serrani-Infante,1997).

Neste trabalho, a intenção é enfatizar a importância da preparação pelo professor da situação comunicativa de ensino, visando o mais completo envolvimento possível do aluno com as propostas e temas a serem adquiridos, tornando, assim, o objeto estudado mais familiar ao aluno. Este, por sua vez, vai se firmando como sujeito da linguagem e como dono cada vez mais seguro do seu dizer.

Bibliografia

- ALMEIDA FILHO, J.C.P. de. *Dimensões comunicativas no ensino de línguas estrangeiras*. Campinas: Pontes, 1993.
- BAKHTIN, M. (Voloshinov). *Marxismo e filosofia da linguagem*. Trad. Michel Laud e Yara F. Vieira. São Paulo: Hucitec, 1979.
- HYMES, D. On communicative competence. In: PRIDE, J.B.; HOLMES, J. (Ed.). *Sociolinguistics*. Harmondsworth: Penguin Books, 1972.
- KOCH, I.V. *O texto e a construção dos sentidos*. São Paulo: Contexto, 2000.
- KRASHEN, S.D. *Principles and practice in second language acquisition*. Oxford: Pergamon Press, 1982.
- PICA, T. *SLA, Social interaction and the classroom*. *Applied linguistics*, v.8, n.1, (S.L.), 1987, 3-21.
- REVUZ, C. *Apprentissage d'une langue étrangère et relation à la langue maternelle*. Univ. Paris VII: Mimeo, 1987.
- SERRANI-INFANTE, S. Formações discursivas e processos identificatórios na aquisição de línguas. *Delta*, [S.1], v.13, n.1, 1997, p. 63-81.
- SCHULZ, R.A. Second language acquisition theories and teaching practice: how do they fit? *The modern language journal*, v.75, n.1, [S.1.], 1991.
- VENTURI, M.A. *A importância da conversação em cursos de italiano L2*. São Paulo, Dissertação (Mestrado – Letras Modernas) – FFLCH/USP, 1997.
- VYGOTSKY, L.S. *Pensamento e linguagem*. Trad. Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1978.